



Os Princípios, Imperativos e Paradoxos de Contra-Insurreição

**Eliot Cohen, Ph.D,
Tenente-Coronel (R/1) Conrad Crane, Exército dos EUA,
Tenente-Coronel Jan Horvath, Exército dos EUA e
Tenente-Coronel John Nagl, Exército dos EUA**

Eliot A. Cohen é professor de estratégia na Escola de Estudos Internacionais Avançados na John Hopkins University. Possui os títulos de Bacharel, Mestre e Doutorado pela Harvard College. Seu livro mais recente é intitulado Supreme Command: Soldiers, Statesmen, and Leadership in Wartime.

O Ten Cel (R/1) Conrad Crane é diretor do Instituto de História Militar do Exército dos EUA.

O Ten Cel Jan Horvath é escritor de doutrina no Centro de Armas Combinadas.

O Ten Cel John Nagl é Assistente Militar para o Subsecretário de Defesa dos EUA. Ele possui os títulos de Bacharel pela Academia Militar do Exército dos EUA, o de Mestre pela ECME/EUA e é Ph.D pela Universidade de Oxford. É o autor de Learning to Eat Soup with a Knife: Counterinsurgency Lessons from Malaya and Vietnam.

OS EUA INICIARAM o século XX com suas Forças Armadas engajadas nas operações de contra-insurreição nas Filipinas. Atualmente, conduzem operações semelhantes no Afeganistão, Iraque e em outros países no mundo. Durante o último século, os soldados e fuzileiros navais americanos adquiriram bastante experiência combatendo insurretos no Sudeste da Ásia, América Latina, África e agora no Sudoeste da Ásia e no Oriente Médio.

Uma operação de contra-insurreição bem-sucedida exige uma força flexível comandada por líderes ágeis. Embora cada insurreição possua características próprias devido á causas específicas, ambientes distintos e diversidades culturais, todas as campanhas de contra-insurreição bem-sucedidas foram baseadas em princípios comuns. Empregaram variações de estrutura e doutrina padronizadas e, geralmente, focalizaram elementos de um definido plano de campanha revolucionário.

Na chamada “Era da Informação”, as insurreições têm se tornado especialmente dinâmicas. Seus líderes estudam, aprendem, trocam informações, empregam redes que parecem não possuir líderes e estabelecem relações de conveniência com facções criminosas. As insurreições constituem-se em um problema mais complexo do que as operações convencionais e suas novas variações têm uma rapidez de desenvolvimento que as insurreições do passado não tinham.

Os Princípios de Contra-Insurreição

Os princípios e imperativos da contra-insurreição moderna servem como um guia para orientar as forças engajadas nesse tipo de combate. No entanto, esse tipo de combate é implacável e complexo. Apenas o emprego desses princípios e imperativos não é garantia de êxito, eles constituem apenas um dos vários paradoxos de uma contra-insurreição.

O seu entendimento pode ajudar a esclarecer os extraordinários desafios necessários à derrota de uma insurreição.

A legitimidade do governo como objetivo principal. Um governo legítimo recebe seus poderes do povo governado e administra, com competência, a segurança coletiva e o desenvolvimento político, econômico e social. Os governos legítimos são inerentemente estáveis. Eles possuem o apoio popular necessário para administrar seus problemas internos, mudanças e conflitos. Os governos ilegítimos são inerentemente instáveis. Um governo corrupto, incompetente e sem direção, inevitavelmente, incentiva a instabilidade. Assim, governos ilegítimos representam a principal causa do ambiente de segurança global instável que hoje enfrentamos.

Existem cinco ações que são indicadoras da legitimidade e que devem ser implementadas por qualquer ator político que enfrente ameaças à estabilidade:

- a seleção livre, justa e freqüente dos líderes;
- um alto nível de participação e de apoio no processo político;
- um baixo nível de corrupção;
- uma taxa de desenvolvimento econômico, político e social culturalmente aceitável; e
- um alto nível de apoio às principais instituições sociais.

Os governos que conseguem atingir essas metas geralmente obtêm suficiente apoio da população para sua estabilidade. O objetivo principal de qualquer contra-insurreto é estabelecer esse tipo de governo. Embora a ação militar possa tratar dos sintomas da perda de legitimidade, sua restauração só pode ser obtida com o emprego de todos os elementos do poder nacional. Os esforços de uma contra-insurreição não poderão ter êxito se o governo não possuir legitimidade.

A unidade de esforço. O ideal é que um comandante contra-insurreto tenha a unidade de comando sobre todos os elementos do poder nacional envolvidos em uma operação de contra-insurreição. Normalmente, o melhor para os comandantes militares é buscar a unidade de esforço por meio da comunicação e ligação com os principais integrantes do poder não-militar. O embaixador e a equipe do país devem ser participantes-chave nos altos níveis de planejamento, enquanto vinculações semelhantes são realizadas nos escalões inferiores da cadeia de comando. Até as organizações não-governamentais podem desempenhar importante papel na melhoria da qualidade de vida da população. Muitos desses participantes resistirão ao relacionamento aberto com as unidades militares, mas deverão esforçar-se para estabelecer algum tipo de ligação.

O contato com organizações combinadas, interagências, autóctones ou de coalizão é importante para assegurar que os objetivos sejam os mesmos e as ações e os contatos sejam sincronizadas. A sinergia resultante é essencial para uma contra-insurreição eficaz. A unidade de esforço deve abranger todos os níveis de ação, do nacional até as regiões administrativas dos bairros. Caso contrário, as ações bem-intencionadas, mas não coordenadas, poderão não surtir o efeito desejado ou permitir o surgimento de insurretos competentes capazes de explorar nossas vulnerabilidades.

Este artigo é a opinião dos autores e não reflete as posições de qualquer das instituições com as quais os autores estão afiliados. Os autores gostariam de agradecer Max Manwaring por sua contribuição para esclarecer os autores sobre a legitimidade como objetivo principal das campanhas de contra-insurreição.

Os autores estão participando em uma revisão do Manual de Campanha (FM) 3.24/MCRP 3-33.5, Counterinsurgency.



Exército dos EUA

Soldados americanos pertencentes à Equipe de Transição da 49ª Brigada da Polícia do Exército preparam seu colete à prova de balas e suas viaturas sobre rodas de alta mobilidade e de finalidades múltiplas antes de um treinamento à noite dos oficiais da polícia iraquiana no Campo Echo, 11 de julho de 2006.

O objetivo político. Embora todos os elementos do poder nacional tenham papel importante numa contra-insurreição bem-sucedida, os objetivos políticos devem ser prioritários. Todas as ações devem ser planejadas e executadas levando-se em consideração sua contribuição para reforçar a legitimidade do governo anfitrião e alcançar as metas políticas do Governo dos EUA. Geralmente, os aspectos políticos e militares de uma insurreição são tão interligados que são inseparáveis, e a maioria dos insurretos reconhece esse fato. Nas contra-insurreições, as ações militares conduzidas sem a devida análise de seus efeitos políticos serão, na melhor das hipóteses, ineficazes, e na pior, servirão de ajuda ao oponente.

Conhecer o ambiente. Um aspecto-chave de uma insurreição é a população. Analisar o efeito de qualquer operação é impossível sem o entendimento da sociedade e de sua cultura na região onde ocorre a operação de contra-insurreição. Os soldados e fuzileiros navais devem conhecer os antecedentes históricos, causas, geografia local, ideologias, objetivos, organizações, capacidades, metodologias e

entidades de apoio de cada participante do conflito. A interligação político-militar de uma insurreição exige que o contra-insurreto esteja envolvido na vida da população para alcançar a vitória. Nas operações de contra-insurreição realizadas pelos EUA é necessário que os soldados e fuzileiros navais possuam uma apreciação clara, variada e enfática da natureza essencial do conflito, especialmente a motivação e os pontos fortes e fracos dos insurretos ou dos atores nativos.

A inteligência como conduto às operações. Sem um bom entendimento do ambiente, não se pode desenvolver atividades de inteligência. Sem uma boa rede de inteligência um contra-insurreto atua como um boxeador cego que desperdiça sua energia tentando bater num oponente não visível. Com uma boa inteligência, um contra-insurreto é como um cirurgião que ao extrair cânceres de um paciente mantém seus órgãos vitais intactos. Todas as operações devem ser planejadas e executadas com o apoio da inteligência, considerando-se cuidadosamente o que foi coletado e analisado em todos os níveis e depois disseminado no âmbito da força.

Isolar os insurretos da sua causa e do seu apoio. É mais fácil neutralizar uma insurreição isolando-a de seu apoio do que eliminando todos os insurretos. As insurreições dinâmicas rapidamente se regeneram, por isso um contra-insurreto hábil deve cortar as fontes desse poder recuperativo. O apoio ideológico pode ser decepado ao abordar-se os descontentamentos que alimentam a insurreição. O apoio físico pode ser cortado por meio do controle da população ou da segurança da fronteira. No século XX, o controle da população, normalmente, significou seu reassentamento; no século XXI, os cartões de identificação biométricos realizarão os mesmos objetivos com menos interrupção na vida das pessoas. Uma ação legal internacional ou do governo local pode ser necessária para limitar o apoio financeiro estrangeiro aos insurretos.

Muitas vezes, a execução de operações de contra-insurreição é contra-intuitiva à tradicional metodologia de guerra americana e de suas operações de combate.

Enquanto o governo anfitrião aumenta sua própria legitimidade, o povo contribuirá com um maior esforço ativo para o cumprimento desse princípio. O sucesso será alcançado quando o isolamento se tornar permanente por meio do apoio ativo da população.

A segurança segundo a regra da lei. A pedra angular de qualquer esforço de contra-insurreição é a segurança da população. Sem a segurança não se deve tentar implementar nenhuma reforma, caso contrário, pode se espalhar a desordem no local. Para se estabelecer a legitimidade, as atividades de segurança devem ser transformadas de grandes operações de combate em ações de imposição da lei. Os insurretos, ao serem comparados com criminosos, perdem o apoio público. Se os insurretos forem tratados de acordo com as leis locais, desde que o sistema funcione segundo a cultura e as práticas vigentes, a legitimidade do governo anfitrião será aumentada. Este processo leva certo tempo para funcionar, mas os soldados têm de estar cientes dos procedimentos legais

aplicáveis e executá-los. Devem ajudar, também, no estabelecimento ou restabelecimento de instituições internas como forças policiais, órgãos de justiça e instituições penais que sustentarão o regime local.

O compromisso a longo prazo. As insurreições tendem a ser conflitos prolongados. Por isso, as contra-insurreições sempre exigem enormes gastos de tempo e recursos. “O insurreto vence se não perder e o contra-insurreto perde se não vencer”. Os insurretos são revigorados pela crença de que um reduzido número de baixas ou alguns anos a mais motivarão seus adversários a abandonarem o conflito. Só as reafirmações constantes de comprometimento apoiadas pela realização de ações exequíveis aumentarão a confiança pública na capacidade do governo de sobreviver. O povo não apoiará um governo até que esteja convencido de que a contra-insurreição tenha meios, capacidade, força e vontade para vencer.

Os Imperativos Contemporâneos de Contra-Insurreição

As recentes experiências de contra-insurreição mostram que os seguintes imperativos devem ser considerados para o sucesso da operação.

Gerenciar as informações e as expectativas.

As informações e as expectativas estão relacionadas, devendo um contra-insurreto hábil gerenciá-las cuidadosamente. Para limitar descontentamentos e aumentar o apoio popular, uma contra-insurreição e o governo anfitrião devem formular e manter expectativas realistas entre a população, as forças militares amigas e, até mesmo, a comunidade internacional. As operações de inteligência constituir-se-ão em uma ferramenta-chave para se alcançar esse objetivo.

Os norte-americanos possuem uma desvantagem nesse aspecto devido a sua reputação de realizar grandes atos, o que pode gerar um resultado negativo conhecido como “a síndrome do Homem na Lua”. Para as pessoas no Afeganistão e no Iraque, parece inacreditável que uma nação que pode enviar um homem à lua não pode restaurar a luz elétrica local. As agências norte-americanas que tentam gerar entusiasmo para seus esforços devem evitar fazer promessas exorbitantes. Em algumas culturas, a não realização de resultados prometidos é interpretada como uma decepção



Exército dos EUA

Soldados do Exército dos EUA conduzindo uma patrulha em Salah Ad Din, Iraque, na procura de insurretos durante uma operação de nove dias de duração, 6 Jul 2006.

deliberada e não simplesmente como boas intenções que não foram concretizadas.

O gerenciamento das expectativas também se obtém ao mostrar os progressos econômico e político da campanha para provar à população de como a sua vida está melhorando. O povo tem que ser convencido de que seu padrão de vida irá melhorar sob o domínio dos contra-insurretos e não dos insurretos. Ambos, o contra-insurreto e a nação anfitriã têm que garantir que suas ações correspondam a suas palavras. Toda a ação apresenta uma reação de informações, por isso devem cuidadosamente considerar seus efeitos no público alvo e trabalhar para que suas respostas sustentem os objetivos a atingir.

Empregar força moderada. Qualquer uso de força pode gerar uma séria reação, conseqüentemente, é melhor empregar a mínima força possível para resolver uma situação. Em algumas ocasiões, um esforço muito forte será necessário para intimidar um oponente ou reassegurar a confiança da população. No entanto, a quantidade de força e quem a emprega devem ser criteriosamente calculadas. Executar uma operação que elimine 5 insurretos é fútil se o prejuízo colateral estimular o recrutamento de outros 50. Normalmente, é melhor que sejam empregados policia civis ou militares no

tratamento de problemas urbanos, mesmo que não estejam tão bem armados ou capacitados quanto as tropas militares, pois é provável que o povo vá perceber a aplicação dessa força como mais legítima e, também, o emprego de uma força policial local reforça as leis em vigor.

Aprender e adaptar. Uma força de contra-insurreição deve ser flexível. Os insurretos, normalmente, mudam suas ações entre as abordagens militares e políticas. Além disso, as redes de insurretos constantemente trocam informações sobre as vulnerabilidades de seus adversários. Um contra-insurreto hábil deve ser capaz de se adaptar a uma nova situação tão rapidamente quanto seu oponente. Cada unidade deve ser capaz de observar, aprender com as experiências realizadas, aplicar os ensinamentos colhidos e avaliar os resultados. O comando da operação deve organizar um sistema de comunicações eficiente para que as lições aprendidas sejam repassadas à todos os escalões empregados. Os insurretos mudam suas áreas e técnicas de operação, buscando atingir os pontos fracos do oponente, por isso a rapidez e a flexibilidade de resposta são essenciais para uma força de contra-insurreição.

Incentivar os menores escalões. O processo de aprendizagem deve ocorrer em todos os níveis dos

elementos empregados na contra-insurreição. A natureza complicada da insurreição significa que os comandantes locais tenham melhores condições para entender a participação de suas frações na operação. Eles devem possuir dispositivos que produzam meios de inteligência necessários e que gerenciem suas atividades de informações. As operações de contra-insurreição devem ser descentralizadas, devendo os comandantes dos mais altos escalões proporcionarem aos escalões subordinados meios necessários para que possam cumprir suas missões. O comando da operação deve apoiar e estimular a iniciativa dos escalões subordinados para manter uma força de contra-insurreição que possa adaptar-se tão rapidamente quanto os insurretos.

Apoiar a nação anfitriã. As forças norte-americanas devem lembrar-se que estão conduzindo operações de contra-insurreição para ajudar um governo anfitrião. O objetivo de longo alcance

Os norte-americanos possuem uma desvantagem nesse aspecto devido a sua reputação de realizar grandes atos, o que pode gerar um resultado negativo conhecido como “a síndrome do Homem na Lua”.

é proporcionar proteção ao governo anfitrião, ou seja, essa nação tem que vencer sua própria guerra. As forças e agências norte-americanas podem proporcionar assistência por um longo período aos governantes locais, no entanto, é necessário que sejam capazes de passar as responsabilidades exercidas às instituições locais. Embora seja mais fácil para as unidades das Forças Armadas dos EUA conduzirem operações independentes, é bem melhor que venham a reforçar as forças locais na realização dessas atividades. Ao término de uma operação de contra-insurreição bem-sucedida, os governos anfitriões têm a responsabilidade final de solucionar seus próprios problemas.

Os Paradoxos de uma Contra-Insurreição

As operações de contra-insurreição apresentam missões e considerações complexas e frequentemente desconhecidas. Muitas vezes, a execução de

operações de contra-insurreição é contra-intuitiva à tradicional metodologia de guerra americana e de suas operações de combate. Alguns dos paradoxos representativos são os seguintes:

Quanto mais se protege a força menos segura ela pode tornar-se. O contra-insurreto obtém o êxito final ao proteger a população, não a ele mesmo. Se as forças militares ficarem protegidas nas guarnições, perderão o contato com os árbitros da vitória que podem, novamente, ceder as ruas e os campos aos insurretos. As forças têm que patrulhar, compartilhar os riscos e manter o contato com a população para obter as informações necessárias às operações, reforçando os elos com o povo no estabelecimento da legitimidade local.

Quanto maior a força empregada menos eficaz é o resultado. Qualquer emprego da força produz muitos efeitos, nem todos previsíveis. Quanto maior a força aplicada, maior a chance de se causar prejuízos colaterais e outros erros. A contrapropaganda inimiga explorará essas atividades militares vultosas como brutais. A força limitada também reforça as regras da lei que o contra-insurreto está tentando estabelecer.

Em algumas ocasiões, não responder é a melhor reação. Normalmente, um insurreto pode executar um ato terrorista ou uma incursão para que o contra-insurreto reaja com exagero ou, no mínimo, de uma maneira que o insurreto possa explorar. Se uma avaliação cuidadosa dos efeitos de uma resposta revelar que possam resultar mais conseqüências negativas do que positivas, a tropa empregada deve considerar outras alternativas.

As melhores armas para uma contra-insurreição não disparam balas. Os contra-insurretos obtêm sucesso em uma operação ao ganhar o apoio da população e a legitimidade para o governo anfitrião, não eliminando insurretos. A segurança é importante para se estabelecer o ambiente favorável para ações futuras. A vitória parcial chegará por meio de uma economia mais vigorosa, de uma maior participação política e da esperança renovada. Os dólares e as cédulas de voto terão um efeito mais importante do que as bombas e projéteis; a informação é mais poderosa quando empregada adequadamente. Uma vez, T.E. Lawrence observou que “a imprensa é a melhor arma no arsenal do comandante moderno...”¹ Isso é mais certo hoje do que quando Lawrence o escreveu há quase um século — com exceção



Exército dos EUA

Soldados da 3ª Equipe de Combate de Brigada da 101ª Divisão Aeroterrestre procuram cobertura durante uma batalha contra insurretos em uma operação de nove dias em Salah Ad Din, 6 julho 2006.

de que o contra-insurreto eficaz precisa, além da imprensa, de programas de rádio e televisão e de uma presença na internet. Os soldados e fuzileiros navais têm que ser preparados para engajar numa variedade de missões não-militares tradicionais no seu apoio às operações de contra-insurreição.

Uma atividade mal executada pelo insurreto, às vezes, proporciona um melhor resultado do que a bem realizada pelo contra-insurreto. O planejamento de uma operação é tão importante quanto sua execução. Os EUA estão e estarão sempre apoiando nações anfitriãs em lutas de contra-insurreição. O êxito da operação, normalmente obtido a longo prazo, requer o estabelecimento de instituições viáveis que possam continuar desempenhando suas atividades sem o apoio significativo dos EUA. Por mais longo que o processo se desenvolva, por mais que o apoio popular norte-americano diminua, mais a população local questionará a legitimidade das suas próprias forças. Com referência a sua experiência liderando a Revolta Árabe contra o

Império Turco-Otomano, Lawrence disse: “Não tente fazer demais com suas próprias mãos. É melhor que os árabes façam isso razoavelmente do que você fazê-lo perfeitamente. A guerra é deles e você tem que ajudá-los, não vencê-la para eles.”²²

Se uma tática funciona esta semana, não funcionará na próxima; se funciona nesta província, não funcionará em outra. Atualmente, os insurretos são competentes, flexíveis e, com frequência, integram uma rede bem difundida que se comunica constante e instantaneamente. As práticas e contramedidas bem-sucedidas de contra-insurreição imediatamente chegam ao conhecimento de toda a organização insurreta, que, rapidamente, implementa mudanças julgadas necessárias. Os líderes da contra-insurreição devem evitar a complacência e ser, no mínimo, tão flexíveis quanto o adversário.

O êxito tático não garante nada. Quando o Coronel Harry Summers disse a um contraparte norte-vietnamita em 1975: “você sabe que nunca

nos derrotou no campo de batalha,” a resposta foi: “talvez, mas isso também é irrelevante.”³ As ações militares independentes não podem alcançar o êxito final. As ações táticas têm que ser vinculadas aos objetivos militares operacionais e estratégicos e às metas políticas planejadas. Sem essas vinculações, pode-se desperdiçar vidas e recursos sem um ganho real.

O Futuro da Guerra

O extraordinário poder militar convencional dos EUA torna provável que muitos dos nossos oponentes no futuro escolham meios de combate irregulares, incluindo o terrorismo e a insurreição,

... aprendemos com as lições adquiridas no Iraque e no Afeganistão sobre a necessidade de preparar nossas forças para atuarem contra insurreições e outras pequenas guerras que teremos que enfrentar no futuro.

para que atinjam seus objetivos políticos e tentem nos impedir a alcançar os nossos. O Exército dos EUA se orgulha do seu sistema de lições aprendidas. É preciso entender que nossos oponentes nos estudam tão cuidadosamente quanto nós os estudamos. Nós refletimos sobre as táticas, técnicas e procedimentos empregados; além de refletirem sobre essas áreas, nossos inimigos também estão atentos aos níveis operacionais e estratégicos da guerra irregular.

Enquanto desenvolvemos nossas reações às novas táticas empregadas pelos oponentes — que consistem em métodos melhorados de proteger veículos contra explosivos improvisados ou técnicas refinadas de franco-atiradores ou técnicas de encordoamento e busca — expomos vulnerabilidades passíveis de serem exploradas. É difícil admitir que nossos futuros oponentes já se sintam aliviados por nossos erros no Afeganistão, Iraque, e antes desses, na Somália, Haiti e em outros lugares. Eles nos respeitam pelo imenso poder de fogo e capacidade logística que possuímos, mas não temem, da mesma forma, a nossa perspicácia estratégica ou capacidade operacional para lutar em guerras dessa natureza.

Depois do Vietnã, o Exército dos EUA reagiu à ameaça da guerra irregular simplesmente dizendo “nunca mais.” O estudo das operações de contraguerrilha e de contra-insurreição foi filtrado de vários currículos das escolas militares e as experiências adquiridas por militares americanos em difíceis vitórias foram deliberadamente ignoradas. O Exército se convenceu que o fracasso no Vietnã foi culpa de uma excessiva liderança civil, de um tímido alto comando, de uma mídia hostil, de uma base de apoio popular fraca e da impossibilidade de se cumprir aquela missão. Esses conceitos foram baseados na realidade, mas os fracassos institucionais do Exército mereciam a mesma atenção. Ao invés disso, apesar de oficiais do Exército desenvolverem atividades com habilidade, obtendo inúmeros êxitos na guerra irregular em países como a ex-Iugoslávia e El Salvador, a Instituição continuou a tratar a guerra irregular como uma exceção, um dever adicional ou simplesmente um erro. O resultado foi um Exército não tão bem preparado para travar combate como deveria contra os sofisticados inimigos insurretos no Iraque e no Afeganistão.

Estamos vivendo um momento crucial na história institucional do Exército. Ao considerarmos os princípios, imperativos e paradoxos de contra-insurreição ora apresentados, aprendemos com as lições adquiridas no Iraque e no Afeganistão sobre a necessidade de preparar nossas forças para atuarem contra insurreições e outras pequenas guerras que teremos que enfrentar no futuro. Nossos inimigos estão lutando contra nós como insurretos porque acham que uma insurreição é sua melhor chance de alcançar a vitória. Temos que provar que estão errados. **MR**

Referências

1. LAWRENCE, T.E.; “The Evolution of a Revolt,” *Army Quarterly and Defense Journal* (outubro de 1920). Reimpresso pela Combat Studies Institute, ECEME/EUA, Forte Leavenworth, Kansas, com permissão. Disponível em: <www.cgsc.army.mil/carl/resources/csi/Lawrence/Lawrence.asp>, acesso em: 2 de março de 2006.
2. LAWRENCE, “The 27 articles of T.E. Lawrence,” *The Arab Bulletin* (20 de agosto de 1917), disponível em: <www.d-n-i.net/fcs/lawrence_27_articles.htm>, acesso em: 1º de março de 2006.
3. SUMMERS Coronel Harry; citado pelo KILLEBREW, Cel Robert; em “Winning Wars,” Professional Writing Collection em *Army Magazine* (abril de 2005); disponível em: <www.army.mil/professionalwriting/volumes/volume3/may_2005/5_05_2_pf.html>, acesso em: março de 2006.